



Música | Paulo Simões prepara CD com inéditas para 2012

Página C6

Televisão | Record e Band exibem Retrospectiva 2011 hoje

Página C3



oEstado C1

Terça-feira,
27 de dezembro de 2011

arteelazer@oestadoms.com.br
www.oestadoms.com.br

Artes & Lazer

De olho no céu

Estudantes de Mato Grosso do Sul levaram 78 medalhas de ouro em Olimpíada Nacional

Laís Camargo

Falar em astronomia parece algo distante da realidade, mas, na verdade, proximidade e facilidade em olhar para o céu é que fazem desta ciência algo acessível e chamativo. A Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) divulgou os números nacionais esta semana e Mato Grosso do Sul figura na lista com 78 medalhas de ouro, 66 de prata e 115 de bronze. Foram 115 escolas públicas e particulares inscritas, com destaque para a Escola Municipal Prof. João Cândido de Souza, no Jardim Anache, que levou dez medalhas de ouro.

Na 14ª edição, a olimpíada continua tentando mostrar que a astronomia está presente no dia a dia. “Temos um laboratório gratuito e pouco explorado, que é o próprio céu”, comenta o coordenador nacional da olimpíada, dr. João Batista Garcia Canalle, astrônomo e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Mato Grosso do Sul é o segundo Estado brasileiro em termos de participação das escolas na olimpíada, perdendo apenas para São Paulo. Campo Grande foi sede de um Encontro Regional de Estudo de Astronomia entre 13 e 16 de outubro de 2010, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que sedia o Clube de Astronomia Carl Sagan, que realiza várias observações abertas à população durante o ano (<http://cacarlsagan.blogspot.com/>).

O clube existe desde 2007 e visa a popularizar a astronomia como forma de sensibilizar o

público para a perspectiva da ciência e dar novos significados ao conhecimento. “Os egípcios foram uma das primeiras civilizações a terem a questão da astronomia como um elemento forte. Tanto que, as próprias referências místicas dos egípcios



Eles ficam mais interessados após a olimpíada. É possível observar ao redor e ver a física acontecendo

Ronaldo Conceição da Silva, professor

eram tomadas do céu. Hoje, nós nem relembramos isso, temos outros equipamentos, como satélites”, lembra o professor mestre em Física e doutor em Química, Hamilton Perez S. Corrêa, coordenador do clube.

Alunos de todo o Ensino Fundamental participam da prova, mas a procura é maior entre o 6º e o 9º ano, quando as matérias de geografia e ciências trazem mais conteúdo sobre astronomia e física. “Eles ficam mais interessados após a olimpíada. Pensamos física como algo conceitual e chato, mas é possível observar ao redor e ver a física acontecendo”, argumenta o professor Ronaldo Conceição da Silva, do Colégio Maria Montessori, que também teve alunos premiados.



Alunos da Escola Estadual Padre Franco Delpiano, que fica no bairro Nova Lima, da Capital, com os certificados que receberam da Olimpíada Nacional 2011

Preparando profissionais e investindo no futuro da pesquisa nacional

No ano que vem o Brasil será sede da Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica e a participação dos alunos de Ensino Fundamental tem resultado mais abrangente. “É uma área que o Brasil ainda é muito dependente, não tem satélites próprios em órbita e precisa de profissionais para trabalhar na pesquisa. É uma profissão como outra qualquer, tem emprego em universidades e observatórios. Não é um hobby e dá para ganhar a vida como astrônomo”, afirma dr. João Batista Garcia Canalle, que é referência na área.

“Meu filho sempre foi curioso, mas não esperava que ia ganhar uma medalha. Depois que ganhou, ficou mais contente em ir

pra escola, ele gosta muito de matemática”, conta Taís Felipe Paes, mãe de Mateus Felipe, aluno do 3º ano, dono de uma medalha de bronze pela Escola Estadual Padre Franco Delpiano, no bairro Nova Lima. A professora responsável pela coordenação da olimpíada nesta escola, Marinês Adiers Alves Pereira, que é bióloga, observa algo interessante: “Geralmente, os alunos que levam medalhas não são os que tiram melhores notas nas provas da escola. Não tem como prever quem vai se destacar, em fevereiro começamos as atividades e os alunos têm curiosidade natural pelo assunto, isso facilita”, explica Marinês. Em 2012, a prova será no dia 11 de maio, as escolas podem se inscrever a partir de janeiro no www.oba.org.br

Para ela, o fato de os alunos

premiados nacionalmente não terem notas de destaque na escola leva a uma reflexão e reformulação da forma avaliativa. “Comecei a observar melhor o jeito das questões da prova, são práticas, e colocam a física no cotidiano. Então, mudei o jeito de formular questões nas minhas provas e os alunos começaram a se sair melhor. Eles têm curiosidade natural”, observa Marinês.

Uma maneira de diminuir a evasão escolar e aprimorar laboratórios

Além de material didático, algumas escolas ganham lunetas da organização nacional, feita pela SAB (Sociedade Astronômica Brasileira), AEB (Agência Espacial Brasileira) e Eletrobrás Furnas. “Vemos que muitos alunos entram no

Ensino Fundamental e poucos saem do Ensino Médio, isso representa uma evasão escolar e para mudar esse quadro é preciso despertar o interesse no estudo desde cedo”, analisa o astrônomo João Canalle.

As provas são enviadas pelos Correios e aplicadas pelo professor cadastrado em cada escola em fase única, classificando os alunos por notas e distribuindo medalhas.

“Participamos pelo terceiro ano seguido e pegamos sugestões de filmes e sites pelo site da olimpíada - para o ano que vem já está no planejamento de aula dos professores a preparação para a olimpíada”, conta o professor Ládison Almeida de Oliveira, da escola municipal da Capital que ganhou dez medalhas de ouro na edição deste ano, Prof. João Cândido de Souza.